



Grupo operativo como estratégia para acompanhamento do Projeto Pedagógico de Curso em Enfermagem

Operating group as a follow-up strategy of a Nursing Course's Pedagogical Project

Grupo operativo como estrategia para acompañar el Proyecto Pedagógico del curso en Enfermería

Gabriella Cristine Guerra de Carvalho¹, Luciano César Pereira Campos Leonel¹, Maria Conceição Bernardo de Mello e Souza², Roselma Lucchese¹, Carla Natalina da Silva Fernandes¹

O objetivo do estudo foi acompanhar e descrever o processo de implantação do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás, sob a ótica de docentes e discentes. Tratou-se de estudo qualitativo e descritivo, realizado com treze participantes entre docentes e discentes, de abril de 2010 a junho de 2011, em Catalão, GO, Brasil. Utilizou-se o grupo operativo como tecnologia para acompanhamento e coleta de dados. Ao final de cada reunião foi constituída uma crônica, submetida à análise de conteúdo temática, de onde emergiram duas categorias, que revelaram como potencialidade do processo ensino-aprendizagem a interdisciplinaridade da matriz curricular, e como limitadores a imaturidade dos estudantes e a relação interpessoal conflituosa entre acadêmicos e docentes. O trabalho em pequenos grupos demonstrou-se importante ferramenta pedagógica; o grupo operativo mostrou-se assertivo na gestão do ensino e na condução da pesquisa.

Descritores: Educação em Enfermagem; Docentes de Enfermagem; Estudantes de Enfermagem; Prática do Docente de Enfermagem; Pesquisa em Educação de Enfermagem.

The aim of the study was to monitor and describe the implementation process of the Pedagogical Project of the Nursing Undergraduate Course, at the Catalão Campus of the Federal University of Goiás, from the perspective of professors and students. Qualitative and descriptive study, conducted with thirteen participants, of April, 2010 and June, 2011, in Catalão, GO, Brazil. It was possible to use the operative group as a technology for monitoring and data collection. At the end of each meeting, it was possible to set up a chronicle that was subjected to the thematic content analysis. Two categories emerged and showed as potentiality: the curricular matrix interdisciplinarity, and the students' immaturity, the conflictive interpersonal relationship between students and professors as their constraints. Working in small groups and the operative group proved to be assertive in the teaching management and conducting research.

Descriptors: Education, Nursing; Faculty, Nursing; Students, Nursing; Nursing Faculty Practice; Nursing Education Research.

El objetivo del estudio fue acompañar y describir el proceso de implantación del Proyecto Pedagógico del Curso de Graduación en Enfermería, en el Campus Catalão, Universidad Federal de Goiás, bajo la óptica de docentes y discentes. Estudio cualitativo y descriptivo, con trece participantes, realizado entre abril del 2010 y junio del 2011, en Catalão, GO, Brasil. Se utilizó el grupo operativo como tecnología para acompañamiento y obtención de datos. Al final de cada reunión, fue realizada una crónica, sometida al análisis del contenido temático, donde emergieron dos categorías que revelaron como potencialidad del proceso de enseñanza y aprendizaje la interdisciplinaridad de la matriz curricular, y como limitadores, la inmadurez de los estudiantes y relación interpersonal conflictiva entre discentes y docentes. El trabajo en pequeños grupos es importante herramienta pedagógica; el grupo operativo se mostró assertivo en la gestión de la enseñanza y en la conducción de la investigación.

Descritores: Educación en Enfermería; Docentes de Enfermería; Estudiantes de Enfermería; Práctica del Docente de Enfermería; Investigación en Educación de Enfermería.

¹Universidade Federal de Goiás-Campus Catalão. Catalão, GO, Brasil.

²Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Autor correspondente: Carla Natalina da Silva Fernandes

Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120, Setor Universitário, CEP: 75705-220. Catalão, GO, Brasil. E-mail: carla_natalina@yahoo.com.br

Introdução

O ensino superior brasileiro passa por um processo de transição por meio da implantação de políticas públicas que visam investimentos para as Instituições Federais de Ensino Superior⁽¹⁾. A partir do ano de 2003 fomentou-se programas de ampliação de vagas universitárias por meio de vários programas ministeriais no Brasil, dentre eles o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, levando também ao processo de interiorização da universidade pública brasileira⁽²⁾. Nesse processo várias unidades federais optaram em implantar cursos de graduação em enfermagem, sendo que esta opção imprime desafios importantes diante das demandas em formar enfermeiros competentes em atender às necessidades de saúde da comunidade dentro da proposta do Sistema Único de Saúde⁽³⁾.

Dentre os desafios, destaca-se o perfil contemporâneo desejado do acadêmico em Enfermagem, isto é aquele que supera as habilidades técnicas e conhecimento teórico desarticulados, por meio de uma formação de enfermeiros críticos, criativos e reflexivos que articulam teoria e prática, compactuando com princípios de ética e liderança⁽⁴⁾.

Para tanto, é necessário a revisão do Projeto Pedagógico de Curso, que configura a base de gestão acadêmico-administrativa. Este deve conter os elementos das bases filosóficas, conceituais, políticas e metodológicas que definem as competências e habilidades essenciais à formação, revelando quais os princípios norteadores que a instituição formadora adotou para o cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais⁽⁴⁾. Pois, além do desafio de formar enfermeiros competentes para atuarem no Sistema Único de Saúde, os gestores em educação e saúde, educadores e profissionais são convocados a inovarem as tecnologias de ensino, por meio de práticas pedagógicas ativas, possibilitando a construção de saber/fazer diante das necessidades de saúde da comunidade e das diversidades contextuais da população brasileira⁽³⁾.

Também se compreende o Projeto Pedagógico de Curso como um projeto em movimento, que sofre alterações, que influencia e é influenciado por aqueles que o colocam em prática, concordando com a realidade social⁽⁴⁾. O diálogo, a busca por novos conceitos e novas formas de aprender e ensinar, a flexibilidade de rever e analisar possíveis falhas durante esse percurso devem ser compartilhadas.

Diante dos desafios expostos, considera-se a necessidade de um acompanhamento sistemático da implantação de um Projeto Pedagógico de Curso que se coloca na condição de enfrentamento as provocações e inovar na tecnologia de formação do enfermeiro. Assim, o objetivo do estudo foi acompanhar e descrever o processo de implantação do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em enfermagem do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás sob a ótica de docentes e discentes por meio da estratégia grupal.

Método

Tratou-se de um estudo qualitativo e descritivo. O cenário de pesquisa foi o curso de Graduação em Enfermagem do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás aprovado pela portaria Conselho Nacional de Educação nº3/2001 em 2008. As reuniões aconteceram em locais reservados, exclusivamente para a realização da pesquisa.

Participaram da pesquisa treze sujeitos do Curso de Graduação em Enfermagem, que foram convidados aleatoriamente. Adotou-se como critério de inclusão para os docentes estarem vinculados à graduação em Enfermagem e para os discentes serem regularmente matriculados no curso. Optou-se pela participação de docentes e discentes por se entende que esses atuam ativamente e são atores fundamentais do processo de implantação do Curso.

A coleta de dados ocorreu no período de abril de 2010 a junho de 2011. Utilizou-se como técnica o grupo focal com orientação teórica-metodológica do grupo operativo proposto por Pichon-Rivière⁽⁵⁻⁶⁾.

Recomenda-se que a composição dos grupos

focais seja de seis a doze participantes, para que as questões possam ser abordadas em maior profundidade e para que ocorra a interação grupal. Em grupos maiores, corre-se o risco de limitar a participação dos membros e minimizar a troca de ideias⁽⁷⁻⁸⁾. Assim entende-se não constituir em elemento de viés de pesquisa, a pequena diferença (um sujeito) entre o número total de participantes docentes e discentes, uma vez que a cada encontro o número de participantes oscilou para mais ou para menos.

A opção pelo referencial do grupo operativo ocorreu por se tratar de um grupo centrado na tarefa que mobiliza a aprendizagem coletiva, em uma dinâmica de revisitações de matrizes de aprendizagem que acabam explicitando as resistências individuais e grupais. Segundo Pichon-Rivière, o grupo operativo atua como um instrumento modificador da realidade a partir do momento que os integrantes estabelecem as relações grupais, compartilhando objetivos comuns e percebendo a maneira como ocorre essa inter-relação entre os membros pertencentes do grupo⁽⁵⁾.

O grupo operativo contou com a estratégia de registro e leitura do acontecer grupal, que viabilizou uma avaliação em processo⁽⁶⁾. Para implementação do grupo operativo, também se contar com um coordenador e dois observadores. Ambos os papéis previstos em um grupo operativo são assimétricos em relação aos demais. O coordenador, sumariamente, tem a função de incentivar o diálogo, com vistas na comunicação e promoção da aprendizagem no enfrentamento dos conflitos grupais. O observador corrobora com o coordenador, responsável em captar as expressões verbais e não-verbais no campo grupal, que irão aprimorar a avaliação e condução do grupo por parte do coordenador⁽⁹⁾. Sendo assim, o material produzido pelo observador constituiu-se em um diário de campo que auxiliou na análise das reuniões e análise final dos dados.

Como procedimento para o desenvolvimento das reuniões de grupo operativo na coleta de dados, se estabeleceu na primeira reunião o objetivo-contrato

do estudo e grupo, informações sobre o tempo de duração, local e meio de divulgação das reuniões, a finalidade do grupo operativo no acompanhamento da implantação do Projeto Pedagógico de Curso e da pesquisa. Para as demais reuniões de grupo operativo, se adotou a crônica da reunião anterior como tema disparador para início de cada novo encontro.

A crônica é um documento redigido pelo coordenador e os observadores, ao final de cada reunião, contemplando uma síntese da abertura, desenvolvimento e encerramento das reuniões, destacando os aspectos explorados, os emergentes grupais, a comunicação, a cooperação entre as partes, os papéis explorados.

Para análise dos dados, foi utilizada as crônicas. Com o intuito de preservar a identidade dos participantes, os sujeitos foram descritos por cores. A análise se deu por meio da análise de conteúdo, modalidade temática, por se caracterizar como aquela que explora os dados e os seus significados. Incluindo a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento dos resultados⁽¹⁰⁾.

Foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após o esclarecimento dos possíveis riscos e benefícios ao participarem da pesquisa. O projeto de pesquisa que subsidiou este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, protocolo número 026/2009.

Resultados

Dos treze sujeitos participantes da pesquisa, seis eram discentes que cursavam o terceiro e o quinto período do curso de enfermagem, e sete eram docentes. Desses, seis eram professores efetivos com regime de dedicação exclusiva e um professor com contrato temporário, seis tinham formação de graduação em Enfermagem e um em Farmácia. A idade dos sujeitos estudados variou entre 18 à 40 anos. Verificou-se a predominante participação do gênero feminino composto por onze sujeitos participantes.

Foram realizadas sete reuniões ao longo

dos semestres, conforme disposto na Figura 1, acompanhando a implantação do curso de Enfermagem.

Reunião	Tema disparador da tarefa grupal
1	Apresentação do projeto de pesquisa.
2	Relação interpessoal e conflitos.
3	Finalização do primeiro semestre com a implantação do Projeto Pedagógico de Curso.
4	Fragilidades para implantação do Projeto Pedagógico de Curso no segundo ano do curso.
5	Professor e aluno: a transposição do conhecimento teórico no cenário prático.
6	Autoreflexão sobre as características de cada membro do grupo com suas vantagens/desvantagens.
7	Como se deu a criação das disciplinas do curso e remodelação das mesmas ao longo do curso?

Figura 1 - Número de reuniões e os conteúdos utilizados como tema disparador da tarefa grupal

Como resultado obteve-se VII crônicas, e do processo de análise emergiu uma categoria central “O Projeto Pedagógico de Curso no Curso de Enfermagem: o grupo como abordagem das limitações e potencialidades”, e as subcategorias “O grupo como ferramenta de enfrentamento das estereotípias e resistências” e “O grupo como espaço de reflexão acerca de fatores potencializadores do ensino”. Nelas foram reveladas o trabalho em grupo e o seu gerenciamento, a interdisciplinaridade da matriz curricular e processo de maturidade nas relações aluno-professor como eixos centrais da discussão, indicando o grupo como um espaço promissor para abordagem e reflexão de situações de conflito.

O grupo como ferramenta de enfrentamento das estereotípias e resistências

Nesta categoria, são evidenciados os fenômenos e fatores que indicam dificuldades para o processo de implementação do Projeto Pedagógico de Curso em estudo.

Como um dos fatores foi descrita a maturidade do acadêmico: *Amarelo refere que o aluno tem várias preocupações quando está no espaço da sala de aula, ele muitas vezes,*

não está totalmente presente, ele se preocupa com outras coisas, como por exemplo, casa, finanças, relações afetivas, provas e não consegue se concentrar. Precisa muitas vezes, de contato com a prática para constatar que precisa se dedicar mais ao estudo, e o esforço individual é o que motiva isso (Crônica V). A imaturidade dos discentes, pelo ingresso cada vez mais jovem no ensino superior foi abordado na fala de Laranja, ela diz que o professor se vê com a responsabilidade de inserir esse aluno nessa nova realidade, que muitas vezes, é diferente daquela acostuada por ele (Crônica I).

Neste caso, a imaturidade pode levar o estudante a apresentar várias limitações na co-responsabilização pelo sucesso do processo ensino-aprendizagem, bem como, no gerenciamento do próprio estudo. Contudo, tal fenômeno não pode determinar que o aluno seja tido como o bode expiatório na relação com o aprendizado, é preciso que o docente e o curso em geral estejam preparados para lidar com esta dimensão e necessidade dos jovens.

O aluno passou a ser depositário da ansiedade grupal e atingiu o *status* de bode expiatório das dificuldades encontradas na implantação do Projeto Pedagógico de Curso, conforme se verificou: *O mais grave é não refletirem (professor) criticamente sobre seus problemas muitas vezes o aluno é tido como o único culpado não havendo a autocrítica (Crônica III). Logo o aluno não deve ser tido como o depositário das faltas pelo simples comodismo do docente, que não apresenta interesse em olhar para esse aluno mais humanamente enxergando suas falhas e seus problemas (Crônica I).*

Outro fenômeno também abordado nos grupos e que frequentemente está no centro dos conflitos do processo ensino-aprendizagem foi a avaliação discente-docente, como evidenciado: *Rosa estava indignada e desapontada com a maneira que fora avaliada, e destaca que a forma como é feita a avaliação dá ao aluno certa “proteção” para ele lhe atribuir uma nota menor do que a merecida e, que isso talvez fosse diferente se esta avaliação fosse feita face-a-face (professor/aluno) (Crônica III); O Coordenador diz que o processo de avaliação não deve ser encarado como uma queda de braços entre professor/aluno, se o aluno recebe uma nota que não lhe agrada este retribui da mesma forma, dando a este professor uma nota também ruim (Crônica III). Azul aponta gargalos ou nós críticos no relacionamento com os alunos, se refere a isso quanto há interpretação equivocada acompa-*

nhada de agressividade quando, por exemplo, faz exigências de correções a trabalhos acadêmicos, e a falta de limites na relação professor aluno (Crônica V).

A avaliação pode também se tornar uma ferramenta de terror e punição na relação aluno-professor e não um instrumento valioso para construção da formação do futuro profissional. Quando existe um desconhecimento da potência desse fenômeno 'avaliação', prevalece uma desconsideração dos seus efeitos educativos e formativos, passando então para uso exclusivamente pontual e distante das práticas complexas de ensino, sendo assim, uma concepção estereotipada desta relação que enrijecem e empobrecem o processo de ensinar e aprender.

Nesse contexto (ensino-aprendizagem em Enfermagem), questões intensas são vividas pelos estudantes, como a transição de fases da vida da adolescência para a vida adulta, pelos enfrentamentos às mudanças associados aos conflitos de relacionamento entre o docente e discente. Tais aspectos foram discutidos e registrados nas crônicas do grupo operativo, representando assim, um espaço que promoveu a reflexão acerca de fatores que podem influenciar de maneira positiva ou negativa no processo de construção do conhecimento. Nos trechos extraídos das crônicas, verificou-se: *Realmente é necessário que o professor oriente de forma adequada o aluno, não deixando-o desassistido e sem esclarecimento procurando possíveis falhas e pontos a serem melhorados (Crônica III). É importante o desenvolvimento mútuo de professor e aluno, sendo que os dois serão construtores do saber (Crônica III). Verde reafirma que esse diálogo entre discente/docente deve acontecer para evitar ou solucionar possíveis problemas (Crônica IV).*

O grupo como espaço de reflexão acerca de fatores potencializadores do ensino

Como fator potencializador para o ensino em Enfermagem, evidenciou-se durante as análises das crônicas a interdisciplinaridade na matriz curricular. A importância está na articulação e agregação de disciplinas. Neste sentido, a discussão em grupo operativo mobilizou a reflexão dos sujeitos da

pesquisa, em um movimento de valorização de cada disciplina da matriz curricular no contexto da formação do enfermeiro. *Esta integração foi apontada como facilitador para o aprendizado do aluno, contudo esta integração entre disciplinas ocorre segundo Azul, pelo fato da empatia entre professores e ideologias das disciplinas em questão (Crônica I). Verde aborda que o aluno, muitas vezes, não compreende o quão importante é essa interação de disciplinas, e enfatiza que essa se faz muito importante na formação do profissional enfermeiro (Crônica I). Roxo relaciona Processo de Cuidar I, Saúde Coletiva I e Antropologia dizendo que estas são disciplinas que interagem entre si (Crônica IV).*

Na narrativa do grupo, observou-se que a interdisciplinaridade da matriz curricular foi discutida como um caminho para articulação dos saberes necessários à compreensão das situações reais do mundo do trabalho em saúde. Houve propostas de uso das pedagogias ativas que apoiam a construção do Projeto Pedagógico de Curso e, no grupo seus atores identificaram a importância de tal processo e, já relataram alguns exemplos concretos das articulações entre diferentes áreas do saber durante a formação do enfermeiro.

As reuniões do grupo proporcionaram a reflexão dos fatores que levam a implantação e a consolidação do Projeto Pedagógico de Curso, bem como conduziram a identificação do potencial do trabalho em grupo aplicado ao aluno como prática pedagógica na formação do profissional enfermeiro. *Trabalhar junto aos alunos em pequenos grupos favoreceu o entendimento dos mesmos criando um clima de entrosamento e satisfação com o aprendizado (Crônica II).*

O trabalho em grupo no ensino é importante, porém requer preparo tendo em vista que também tem seus desafios para o educador. *O desafio do trabalho em grupos é criar circunstância e ambiente compreensível e favorável a todos, e ainda condições de autonomia e independência para gerenciar o próprio estudo (Crônica V).*

Outra reflexão que permeou as discussões no grupo, no sentido de privilegiar a formação do aluno por meio do novo Projeto Pedagógico de Curso foi a relação entre teoria e prática. Quanto mais estas duas dimensões do ensino forem sincrônicas e

complementares, melhores serão as condições de aprendizagem na concepção dos participantes. *Lilás destaca que a prática combinada com a teoria se torna facilitador do aprendizado (Crônica I), e, Azul inicia a discussão apontando o uso da metodologia de projetos como recurso para aproximação da teoria a prática (Crônica V).*

Discussão

Muitos estudantes universitários se encontram em um momento de transição no decorrer do curso de graduação, por exemplo, em relação às fases da vida do ser adolescente para o ser adulto⁽¹¹⁾. Diante disso, há de se considerar que as mudanças inerentes a dinâmica das exigências, rotinas e papéis assumidos que ocorrem no âmbito da vida universitária influenciam na qualidade de vida dos estudantes de Enfermagem. Logo, ela pode ser facilitada por meio de uma inter-relação entre o ajuste deste aluno dentro do ambiente da universidade, os eventos situacionais e as mudanças por eles vivenciadas nos mais diferentes contextos. A vida acadêmica então permite a esse aluno a conquista de uma nova identidade pelo fato de estarem morando fora de casa e longe dos familiares e as novas responsabilidades a eles atribuídas⁽⁹⁾.

Tal situação remete os alunos ao enfrentamento dos medos básicos, advindos de ansiedades geradas diante do novo, do inesperado, emergindo a necessidade de adaptação a essa nova realidade, com isso, uma reestruturação de seus vínculos. Com essa necessidade de adequação surge o temor da perda de vínculos já existentes que é somado ao enfrentamento da situação posta, à qual o indivíduo pode não estar preparado o suficiente. Não é raro que surja demasiada resistência a mudança quando se deparam com tais desafios⁽¹²⁾, um momento em que necessita de abordagem mais compreensiva da vivência do aluno.

O comportamento de tornar o aluno depositário da ansiedade do grupo em fazer valer a implantação do Projeto Pedagógico de Curso pode levar a entraves como uma forma de defesa, que só contribuirá para a resistência à mudança. Para estudiosos a condição

de resistência é advinda de um comportamento de cristalização em torno de conceitos e modo de ser e agir, nada promissor para as transformações tornarem-se um fator, prevalecendo assim um estado estereotipado^(5-6,9-12).

Além disso, ocorrem distorções quanto a finalidade de instrumentos e etapas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, como a avaliação. Esta tem sido concebida e vivida como um instrumento de poder na organização dos currículos dos cursos de graduação. Não se deve aceitar mais uma postura ingênua frente a esse fenômeno exigindo, portanto, dos profissionais da educação superior o desenvolvimento de expertise para lidar com todas as situações que envolvem esse aspecto do ensino⁽¹³⁾.

Na relação aluno-professor por vários motivos existem situações que mobilizam medo, insegurança e tensão. Certamente se trata de condições que desprivilegiam o processo de ensinar e aprender, sobretudo, quando focado em uma relação pobre de diálogo e desconsideração das limitações e dificuldades inerentes à formação em enfermagem. Ocorre, então, uma dicotomia entre teoria e prática, em que, muitas vezes, os professores não estão preparados para lidar com as críticas dos alunos e adotam posturas defensivas em relação ao mesmo, quando não há um devido acolhimento do aluno por parte do professor, ou quando ele o expõe⁽⁹⁾.

Diante dos dados analisados, verificou-se que, o processo de formação do profissional passa sim pela necessidade de acolher o discente em suas fragilidades como uma atitude de promoção da maturidade. Quando nessa relação ocorre o compartilhar de atitudes e a interação afetivo-cognitiva o aprender extrapola o âmbito técnico científico, pois o ensinar envolve solicitude⁽¹⁴⁾.

Para a superação do estado estereotipado das inter-relações, indica-se a aplicação da técnica de grupo operativo, tendo em vista a sua intensa rede de interação entre os indivíduos membros do grupo. Uma abordagem em grupo dessa magnitude proporciona o aprendizado assertivo das relações,

situação de enfrentamento das resistências e propensa à mudança. Dito em outras palavras, na abordagem dialética entre o sujeito e o objeto por meio contínuo da comunicação e interação em grupo, há sobreposição da visão unilateral, estereotipada e cristalizada⁽⁵⁾, saltando qualitativamente e ampliando a qualidade das relações consigo, com o outro e com o meio.

Assim, considera-se o trabalho em grupo e em especial com o grupo operativo, uma dimensão de aprendizagem como instrumento de abordagem e enfrentamento das estereotipias no ensino⁽¹⁵⁾.

Pois, este tipo de atividade possibilita a interação das vivências, visto que o homem desempenha suas atividades essencialmente em grupos. As relações entre os seres humanos e a dinâmica dos processos inter-grupais constituem os pilares que norteiam a convivência das pessoas entre si⁽¹⁵⁻¹⁶⁾. Na convivência em grupo, a relação entre os indivíduos acontece de modo que ocorram interações interpessoais entre os envolvidos, o que contribui para a modificação de suas próprias habilidades ou dos demais membros, havendo assim, um crescimento qualitativo de ambos os atores nesse processo de interação mútua⁽⁵⁾.

Assim, a metodologia de trabalho em pequenos grupos contribui, facilitando o processo ensino-aprendizagem, uma vez que tanto o docente quanto o acadêmico se aproximam durante esta prática em uma sala de aula, como evidenciado nos resultados pelos participantes da pesquisa. Nesta perspectiva, ressalta-se a necessidade do docente dominar e aplicar técnicas de grupo na condução do processo de ensino na enfermagem⁽¹⁷⁾.

É fato que o aprendizado se dá por meio de um processo contínuo em que a comunicação e a interação com o outro são elementos inseparáveis. O relacionamento com os outros permite uma abordagem diferente de constituição do conhecimento, interações e questionamentos sobre si mesmo e os demais envolvidos nesse processo de construção⁽⁵⁾.

As particularidades referentes aos pensamentos e motivações de cada indivíduo devem ser consideradas e é importante ter em mente que, ao decidir coordenar um grupo, já deve ser esperado o enfrentamento de diversidade e divergências de interesses⁽¹⁸⁾.

Ao se considerar o campo da Enfermagem, vale lembrar que o enfermeiro está inserido em diferentes grupos ao longo do seu exercício profissional cotidiano, seja esse grupo composto pela sua equipe de trabalho ou seus pacientes. Essa metodologia de se trabalhar em grupos auxiliará o profissional a desenvolver saberes específicos, preparando-o para inter-relação com sua equipe e/ou pacientes os quais estarão sob sua gerência e cuidados⁽¹⁵⁾.

Assim, compreende-se que no processo ensino-aprendizagem há uma interdependência entre as práticas docentes e discentes, tendo em vista o trabalho conjuntamente, quando compartilham a responsabilidade neste processo. No espaço vivo e dinâmico em que ocorre a efetivação do Projeto Pedagógico de Curso, o trabalho em grupo destacou-se como método didático-pedagógico.

A contribuição de cenários variados para o aprendizado favorece a formação do enfermeiro, envolvendo o conhecimento teórico articulado ao prático. Somado a isso, com base nas diretrizes, cabe as instituições formadoras proporcionar ao acadêmico uma abordagem no ensino que contemple não somente variações nas atividades de ensino, mas também na forma como o conteúdo é abordado, nos processos de avaliação e aprendizado prático^(4,19). Igualmente o uso de estratégias que privilegiam a imersão do estudante no contexto de saúde da população em cenários diferenciados durante as aulas.

Dessa forma, as instituições de ensino, os serviços de saúde e a comunidade precisam estar constantemente em conversa e aproximação para favorecer uma formação consonante com as orientações das políticas educacionais para formação de profissionais da saúde no Brasil.

Considerações Finais

A aplicação do grupo operativo como estratégia de pesquisa representou um espaço continente para ansiedades que emergiram no processo de implantação do Projeto Pedagógico de Curso, bem como, possibilitou por meio de trocas vivenciais em grupo a identificação das fragilidades e potencialidades ocorridas nesse processo, representando assim um espaço assertivo para acompanhar as inquietações, entraves e sucesso alcançados, como a criação de condições para se discutir a importância do relacionamento interpessoal no processo de ensino-aprendizagem.

Foram evidenciadas algumas fortalezas do curso estudado como o estímulo das práticas de ensino que favorecem a utilização de pequenos grupos, a inserção dos estudantes em situações de ensino da prática já nos períodos iniciais da graduação em cenários diversificados.

Todos esses fatores revelam que a gestão das instituições de ensino superior devem investir na formação dos docentes acerca da compreensão da maturação do aprendiz e do trabalho em grupo. Pois, assim poderão fazer a apropriação e uso do grupo operativo como recurso para diagnóstico e acompanhamento de processos de implantação e avaliação de cursos, como procedimento de pesquisa e ensino, já que o mesmo constitui elemento provocador de reflexões e mudanças dos sujeitos que dele participam.

No entanto, reconhecem-se as limitações do estudo, pois representa uma dada realidade, assim indica-se a continuidade de pesquisas de acompanhamento do processo de implantação do Projeto Pedagógico de Curso, sobretudo nas Instituições Federais de Ensino Superior visto que, passam por mudanças significativas e nem sempre acompanhadas no âmbito qualitativo.

Colaborações

Carvalho GCG, Leonel LCPC, Lucchese R e Fernandes CNS contribuíram para a concepção do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada. Souza MCBM contribuiu para redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada.

Referências

1. Fernandes JD, Teixeira GAS, Silva MG, Florêncio RMS, Silva RMO, Rosa DOS. Expansion of higher education in Brazil: increase in the number of undergraduate nursing courses. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2013; 21(3):670-8.
2. Pereira TI, Silva LFSC. As políticas públicas do ensino superior do governo Lula: expansão ou democratização? *Rev Debates*. 2010; 4(2):10-31.
3. Lucchese R, Vera I, Pereira WR. As políticas públicas de saúde – SUS – como referência para o processo ensino-aprendizagem do enfermeiro. *Rev Eletr Enf*. [periódico na Internet]. 2010; 12(3):562-6. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n3/v12n3a21.htm.
4. Keiser DE, Serbim AK. Diretrizes curriculares nacionais: percepções de acadêmicos sobre a sua formação em enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm*. 2009; 30(4):633-40.
5. Bastos ABBI. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicólogo inFormação*. 2010; 14(14):160-9.
6. Lucchese R, Barros S. A utilização do grupo operativo como método de coleta de dados em pesquisa qualitativa. *Rev Eletr Enf*. [periódico na Internet]. 2007; 9(3):796-805. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/7505/5323>.
7. Gatti BA. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro; 2005.
8. Barbour R. Grupos Focais. Porto Alegre: Artmed; 2009.

9. Leite SAS. Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas Psicol.* 2012; 20(2):355-68.
10. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70; 2011.
11. Sampaio FFJL, Sousa PRM, Vieira NFC, Nóbrega MFB, Gubert FA, Pinheiro PNC. Percepção de risco de adolescentes escolares na relação consumo de álcool e comportamento sexual. *Rev Gaúcha Enferm.* 2010; 31(3):508-14.
12. Pichon-Rivière E. *O processo grupal*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2009.
13. Sordi MRL, Ludke M. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. *Avaliação.* 2009; 14(2):313-36.
14. Guedes GF, Ohara CVS, Silva GTR. Intensive care unit: a significant space for the professor-student relationship. *Acta Paul Enferm.* 2012; 25(2):146-50.
15. Grando MK, Ferreira SR, Dall'Agnol CM, Olschowsky A. El interjuego de papeles em el proceso enseñanza-aprendizaje a partir de La técnica de grupo operativo. *Rev Panamericana Enferm.* 2005; 3(2):146-52.
16. Fernandes CN, Munari DB, Soares SM, Medeiros M. Habilidades e atributos do enfermeiro como coordenador de Grupos. *Rev Rene.* 2008; 9(1):146-53.
17. Borbato RG, Correa AK, Souza MCBM. Aprender em grupo: experiência dos estudantes de enfermagem e implicações na formação profissional. *Esc Anna Nery.* 2010; 1(14):48-55.
18. Cardodo ASF, Dall'Agnol CM. Group process: reflection of a nursing team. *Rev Esc Enferm USP.* 2011; 45(6):1406-12.
19. Guerra ST, Prochnow AG, Trevizan MA, Guido LA. Conflict in nursing management in the hospital context. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2011; 19(2):362-9.